

COMPORTAMENTO

A mulher, o homem e o amor

Em entrevista ao Viver Bem, a psiquiatra Malvine Zalberg, autora de Amor Paixão Feminina, fala sobre as diferentes percepções do amor para homens e mulheres. Enquanto elas precisam receber e dar amor para definir a própria identidade, eles são menos

Publicado em 30/03/2008

Ao longo de sua carreira, a psiquiatra e psicanalista carioca Malvine Zalberg estudou o universo feminino e observou que as mulheres, mais do que os homens, reservam ao amor um lugar muito importante em suas vidas. "Sem dúvida, as mulheres sempre foram leitoras, telespectadoras e ouvintes mais assíduas das revistas que relatam as tramas vividas pelas celebridades, dos romances na tevê e dos consultórios sentimentais dos rádios e dos jornais." Essa constatação inspirou a especialista a explicar a relação da mulher com o amor em seu segundo livro, Amor Paixão Feminina.

Malvine se baseia em teorias de mestres como Freud, mas também usa referências culturais – exemplos de cenas e personagens do cinema e trechos literários – para tornar o assunto mais palatável e próximo da realidade dos leitores. "Ao longo da história da humanidade, a arte sempre foi o grande meio para a expressão dos sentimentos do ser humano", diz.

Por que as mulheres estão traindo mais e aparentemente estão menos dedicadas a manter o relacionamento que elas têm?

As mulheres hoje estão de fato traindo mais. Não que deixassem de fazê-lo no passado, mas não da mesma forma e intensidade, já que as condições de nossa época são outras. E também não necessariamente da mesma forma que os homens. Ouvimos com frequência relatos de mulheres que traem para se vingar dos homens. Mas elas traem mais frequentemente, contudo, para procurar junto a um outro não só uma realização sexual mais satisfatória, mas a figura de mulher enaltecida por um homem o que, muitas vezes não acontece no âmbito do casamento.

Os maridos estão tão pouco atentos às necessidades de suas mulheres que se surpreendem diante da possibilidade delas abrirem mão de suas conquistas sociais para deixar o casamento e se unir a um outro homem que se não dá a elas vantagens econômicas e sociais, as fazem sentir mais mulheres. Em geral, se na acomodação de um casamento que não se renova criativamente (claro que uma parte cabe à mulher da mesma forma), o homem não for capaz de assegurar à parceira a sua condição de feminilidade, ela se inclinará mais facilmente a traí-lo com um outro homem. E não necessariamente por causa do sexo.

Por outro lado, as mulheres tomam muitas vezes a iniciativa de romperem os casamentos porque hoje elas têm a possibilidade – ainda bem! – de lutar para obter o que realmente querem de uma relação amorosa. As novas conquistas que conseguiram dão a condição de irem em busca de um relacionamento satisfatório. E elas estão tendo esta coragem e determinação com um vigor nunca constatado em outras épocas.

Um homem e uma mulher podem amar da mesma maneira? Este seria o segredo de um relacionamento de sucesso ou motivo de catástrofe?

Não há possibilidade de homens e mulheres amarem da mesma maneira porque eles são definitivamente diferentes, inclusive na forma de amar. O que é preciso é os sexos compreenderem que eles têm maneiras distintas de se relacionar, considerando suas fantasias, desejos e gozos que são masculinos e femininos.

O homem que tem inclinação pelas coisas arrumadas e tudo em seu devido lugar – inclusive a mulher, que está sempre onde ele não espera – precisa deixar-se surpreender pelo inusitado, deixar-se tocar pela natureza feminina ou pelo amor que o perturba, possibilitando que um encontro contingente com uma mulher se dê.

A mulher, por outro lado, precisa aceitar que ela necessita do desejo e da parceria amorosa, pois é isso que a faz mulher. Ela pode se realizar em vários campos de atividade, mas estas atividades por mais interessantes que sejam, não fazem dela uma mulher no pleno exercício de sua feminilidade. É preciso muito ajuste entre ambos os parceiros. Assim, sexo e amor podem andar lado a lado em uma relação de muitos anos, se forem cultivados como dimensões importantes para cada um dos parceiros.

Malvine Zalberg – O amor não se inscreve da mesma forma na vida de homens e mulheres. Não é um fenômeno que começa quando homens e mulheres se tornam adultos. Trata-se de um processo que se desenvolve ao longo da infância, da adolescência e fica mais evidente quando se tornam adultos. É verdade que tanto meninos quanto meninas querem ser amados porque é pelo amor, principalmente o dos pais em primeiro lugar, que as crianças adquirem um sentido de existência. Ser amado ou amada significa ser importante para o outro e é desta importância que a criança faz uma garantia de existência de vida. As meninas precisam mais do que os meninos, pela própria constituição do psiquismo feminino, deste amor, que lhes dê uma garantia de ser. É a partir dessa maior necessidade de ser amada que a mulher, desde pequena, vai desenvolver uma relação diferente da do homem com o amor.

Como elas enxergam o amor?

A menina precisa reassegurar a sua existência. Na verdade, este fato tem relação com a forma como se constitui a identidade feminina, processo cujo desenvolvimento é mais complexo do que o da constituição da identidade masculina. De forma geral, os homens não têm tantas dúvidas quanto a sua identidade masculina, porque é como se o corpo de homem desse a eles alguma certeza de saberem o que são.

As mulheres estão incansavelmente em busca de uma definição clara de sua identidade feminina. Há uma pergunta que definitivamente não cessa de formular-se na vida: "Quem sou eu como mulher?" E é na parceria com um homem que esta pergunta se faz mais presente. Insistentemente ela pergunta a ele: "Que mulher você vê em mim?" Esta dúvida aparece geralmente sob a forma de perguntas do gênero "você me ama?", "o que você ama em mim?", "por que você me ama?"...

O amor é um dos meios mais eficazes pelos quais a mulher pode encontrar uma resposta, nem que seja contingente, a respeito do seu ser como mulher.

E eles?

Os homens não dependem do amor como a mulher para a definição de sua masculinidade. Não que os homens não almejem ser amados, mas não precisam investir tanto na relação amorosa como elas fazem. Nietzsche dizia que a palavra amor não representa a mesma coisa para homens e mulheres porque no caso dela é uma "doação de corpo e alma" e no caso dele, um enriquecimento. A mulher se dá, o homem a toma. Mesmo que os tempos tenham mudado com as novas conquistas sociais da mulher, modificações que representaram a grande revolução social do século 20 estendendo-se pelo século 21, as mulheres continuam buscando mais o amor do que os homens.

Por que você afirma no livro que as mulheres se apaixonam pelo amor?

As mulheres amam o amor precisamente porque elas o vêem como um dos principais meios de se conhecer melhor como mulheres. A forma como podem ser desejadas e amadas dão a elas acesso a uma parte delas mesmas que desconhecem. Daí também o interesse que demonstram pela "outra" mulher, uma que, acreditam, muitas vezes as daria acesso a essa "misteriosa" feminilidade, que constitui enigma não só para os homens como para as próprias mulheres.

A forma de amar tem se transformado ao longo dos anos?

O amor é definitivamente uma expressão da cultura. Sem a cultura não existiria o amor, diz Lacan. É evidente, portanto, que as formas de amor evoluem conforme as épocas. Hoje se acha perfeitamente aceitável que as mulheres demonstrem seu interesse pelos homens e tomem iniciativas de encontros, algo impensável em outros tempos. A liberalidade de costumes também modificou a mentalidade de como se dão os encontros contingentes ou não entre homens e mulheres na vida contemporânea. Estes aspectos têm seu peso na forma como as mulheres e homens experimentam o amor, sem contudo eliminar as formas peculiares de amar de cada sexo. As mulheres investem muito mais na relação e é por isso que, quando há o rompimento, são elas as que mais costumam se ressentir do fato. Quando perdem o amor e o homem que as traria este amor, é como se se perdessem a elas mesmas. Mesmo que o amor não tenha hoje em dia mais a inscrição como única dimensão na vida de uma mulher como no passado, não deixa de ocupar um lugar importante na vida de cada mulher.

Em seu livro, você diz que são elas as grandes responsáveis pelos encontros entre homens e mulheres. Por que?

Por precisarem tanto do amor para a sua identificação como mulher, elas se tornam as grandes responsáveis pelo encontro entre os sexos. São elas que vão atrás dos homens, mesmo quando dão a impressão que é ao contrário que as coisas se dão. Os homens tendem mais ao isolamento e a viver suas fantasias num movimento solitário. Ainda bem que as mulheres se apaixonam e querem o amor. Caso

contrário, a tendência seria cada um ficar na sua.

Por que os homens conseguem separar amor de desejo?

Realmente os homens têm mais problemas com o desejo do que com o amor. De onde provem isto? Temos de considerar que a mãe é o primeiro objeto de amor do homem. Para a evolução de seu desenvolvimento emocional, ele terá de separar internamente a figura materna da figura da mulher que vier a amar. À mulher que ama (e que por isso, guarda uma semelhança e proximidade com a figura materna), ele destina o lugar de "santa" e à mulher que ele deseja, reserva um lugar bem distante da figura materna, geralmente um lugar rebaixado e até radical, como sendo o da "prostituta". Razão pela qual ele separa os dois objetos – o do amor e o do desejo. O que é importante é ele conseguir amar e desejar a mesma mulher, tranquilizando-se em relação à diferença que existe entre o amor pela mãe e o amor e o desejo por uma outra mulher.

Você diz que o homem está sempre em busca de uma mulher ideal, que ele nunca encontrará. Como é essa mulher ideal? E por que ele nunca a encontrará?

Dividido como é, com frequência, entre a mulher que deseja e a mulher que ama, o homem não se decide. Ele é mais assolado pela dúvida quanto a consentir ou não escolher uma parceira e de não estar certo de qual seria a mulher, caso tenha várias opções, ou se ela é a melhor, caso tenha uma parceira.

Isso também é corroborado com o fato de o homem tender a ter um ideal de realização para si próprio, de ter de ser o melhor. A escolha de sua parceira entra neste mesmo esquema de pensamento. É muito mais do homem ter vontade de exibir sua conquista, a mulher que outros homens admiram. Esta busca da mulher perfeita, ideal, nunca encontrada é evocada por muitos cineastas: Fellini, Woody Allen (em Manhattan) e até Hitchcock (Rebecca). Todos retratam uma mulher inesquecível, heroína, loura, lânguida, fria e... inalcançável. Que melhor forma teria o homem para separar amor de desejo?

É possível uma mulher se sentir plenamente realizada sem o amor? E os homens?

Homens e mulheres precisam uns dos outros, mas não da mesma forma. Embora homens e mulheres vivam suas fantasias e desejos no interior de suas vidas psíquicas, precisam do outro para dar destino a essas dimensões de sua subjetividade. A mulher, mesmo nos dias de hoje, continua precisando mais do amor. E se ela precisa ainda do amor em sua vida é porque todas as conquistas que ela conseguiu realizar nos planos social, econômico, político, educacional – conquistas que chamamos de fáticas, porque estão associadas ao poder – fazem dela um sujeito com os mesmos direitos que o homem, mas não fazem dela uma mulher.

O amor oferecido por um homem pode ajudá-la na constituição de sua feminilidade. Não tem nada a ver com submissão. O que nos afasta muito do exemplo recente dado pela Sra. Silda, esposa do governador de Nova Iorque Eliot Spitzer, a respeito de quem, em um artigo, Zuenir Ventura pergunta: "Mas precisaria ela se expor em público daquela maneira deprimente, numa espécie de imolação, de expiação de um pecado que não era dela?"(O Globo, 19/03/08).

Serviço

Amor Paixão Feminina, de Malvine Zalberg; Ed. Campus/Elsevier; R\$ 40.